

A sobrevivência literária de Francisco Lobo da Costa

Ângela Treptow Sapper

UCPel – CEFET-RS



A auscultação acerca da sobrevivência literária de um autor é sempre um desafio, na medida em que pode revelar surpresas ou não comprovar hipóteses previamente montadas. Talvez essa sobrevivência seja o traço de reconhecimento mais autêntico e genuíno sobre a qualidade ou importância de uma obra. Enquanto vivo, não é difícil para um autor ter visibilidade junto ao meio social, à imprensa, aos círculos literários. Ele pode circular junto com sua obra. Mas isso, por si só, não garante êxito nem reconhecimento a ninguém, ou seja, em todas as épocas sempre houve autores vivos e medíocres, ou, pelo menos, ilustres desconhecidos. É verdade também que, não raro, a obra de um escritor pode ser praticamente ignorada durante sua vida, sendo “descoberta”, quando já transcorreram décadas ou séculos do desaparecimento de seu autor.

Aqui, ao se falar em sobrevivência literária, no que se refere a Lobo da Costa, está-se pensando naquilo que é capaz de fazer com que um autor se mantenha vivo mesmo depois de morto. Melhor dizendo: naquilo que mantém a criação do autor como algo vivo, capaz de despertar interesse e de reproduzir os sentimentos que o motivaram a escrevê-la. Essa *vida depois da vida*, em verdade, são os traços que nos permitem, tanto no eixo diacrônico quanto no sincrônico, aquilatar a relevância de uma criação literária. Uma obra – qualquer obra – é tanto mais permanente e consistente quanto for sua capacidade de recontextualizar-se, mesmo que produzida dentro de determinada época e geografia e adstrita à caracterização de certo gênero literário. Um texto se atualiza ao ser lido e relido, mas o elemento atualizador deve depender não exclusivamente do olhar novo e atento do leitor, mas do vigor da obra em si.

Para o levantamento de dados, opiniões e outras informações que constituem o substrato do presente texto, no que se refere à

verificação da sobrevivência literária de Lobo da Costa, foram realizadas sessenta e seis entrevistas.

Como o objetivo é investigar a sobrevivência literária do autor, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, todas as entrevistas foram realizadas em tal cidade e com pessoas que, de uma ou de outra forma, seja pelo aspecto pessoal, seja pela questão institucional, tiveram ou têm vínculo com a figura do poeta a partir de Pelotas.

É interessante observar que a maior parte dos estudos de fôlego sobre a vida e obra de Lobo da Costa, no âmbito da Academia ou fora dela, tem sido levados a efeito por pessoas de fora de Pelotas, como por exemplo o Irmão Elvo Clemente, a professora Alice T. Campos Moreira ou o pesquisador Morivalde Calvet Fagundes, entre tantos outros que aqui poderiam ser lembrados. Rodrigues Till (1970, p. 7-17) por exemplo, escreve sobre Lobo durante o tempo em que este viveu e escreveu em Santa Catarina (de onde provinham seus descendentes paternos), ou seja, o escritor visto de fora de Pelotas e atuando em outra geografia. Raramente Lobo da Costa tem sido estudado de forma específica no âmbito de Pelotas e por pessoas desta cidade, ou seja, não mais o olhar de fora, mas a mirada local sobre o autor no lugar onde nasceu, escreveu, sofreu e morreu. Esse talvez seja um diferencial metodológico deste trabalho.

Em princípio, o conteúdo das perguntas para cada um dos entrevistados é o mesmo. Entretanto, como uma entrevista é, acima de tudo, uma conversa, o próprio sabor das respostas pôde levar, em alguns casos, a questionamentos diferenciados, com maior ou menor aprofundamento. Preferimos chamar as entrevistas de semi-estruturadas, constituídas por perguntas abertas, o que ensejou eventual intervenção da entrevistadora e, naturalmente, permitiu que as pessoas ouvidas se expressassem, de questão para questão, de forma mais prolixa e com riqueza de detalhes e, noutras passagens, de maneira mais concisa e até telegráfica.

A entrevista aplicada é constituída por dezessete perguntas. Em todos os sessenta e seis entrevistados, a autora aplicou pessoalmente as questões, valendo-se do uso do gravador e efetuando, em paralelo e de forma concomitante, anotações com impressões pessoais. A entrevista montada pode ter o seu rol de perguntas dividido em três grupos: questões (iniciais) de identificação do entrevistado; questões sobre leitura e o livro, de forma genérica; e, por fim, fechando o foco no objeto primacial da entrevista, perguntas sobre o autor em tela.

O período de realização das mesmas ocorreu em duas etapas: entre 10 de março e 18 de outubro de 2000; entre 10 de março e 18 de outubro de 2006.

Por fim, em termos metodológicos, será importante ainda realçar aqui que o tratamento do material obtido é efetuado de maneira qualitativa, ou seja, como as perguntas do questionário foram apresentadas de maneira aberta, nem seria possível nem interessaria aos objetivos do trabalho proceder a uma análise estatística ou quantitativa sobre o material colhido.

A discussão, assim, é feita a partir de regularidades, dissônâncias e outros aspectos assentes nas manifestações colhidas e que, de uma ou de outra forma, podem ajudar a iluminar a questão da sobrevivência literária de Francisco Lobo da Costa. Aqui, sobre a maior ou menor exaustividade e profundidade da análise qualitativa do material obtido, pode-se afirmar que as abordagens qualitativas nunca estão completas ou concluídas e que, por isso mesmo, não necessitam pôr sobre si o *Dâmocles* da exaustão *ad infinitum*. Em outras palavras, tais comentários sempre poderão ser recomeçados e reconstituídos, dependendo de novas informações ou do ponto que se queira sublinhar.

Na análise qualitativa que se vai aqui fazer sobre o resultado das entrevistas levadas a cabo sobre Lobo da Costa, a primeira constatação que se pode comentar diz respeito à existência de um leque entre um profundo conhecimento acerca do escritor e de sua produção literária até o desconhecimento total.

É evidente que se precisa levar em conta, tanto diante de qualquer análise de cunho racionalista, quanto de qualquer achado em nível empírico, que Lobo da Costa é um autor do século passado, falecido já há mais de cento e dezoito anos e representante de um movimento literário que, na contemporaneidade, deixou de ter, de maneira significativa, elementos de identificação.

Entre as pessoas mais jovens, o nível de interesse e o conhecimento de Lobo da Costa é tendencialmente menor do que nos entrevistados com uma média de idade maior. Uma explicação para isso pode ser decorrente do fato de que, até a algumas décadas, havia em Pelotas muitas pessoas que eram amigas, admiradoras e que tinham convivido pessoalmente com Lobo da Costa. É uma "aritmética" relativamente fácil de ser feita: tendo Lobo falecido em 1888, imaginemos pessoas que, na época, contassem com dezoito ou vinte anos de idade; tais indivíduos, certamente, até por volta de metade do século XX (digamos por meados de 1950), contribuíram com testemunhos, depoimentos e com a própria divulgação da obra de Lobo, o que naturalmente fez com que pessoas agora entrevistadas pela autora e que contam, por exemplo, com sessenta anos ou mais, tenham sido mais "expostas" a Lobo da Costa do que aquelas que nasceram nas últimas décadas do século XX. Um olhar

empírico sobre os jornais de Pelotas evidencia que, nos anos e décadas seguintes ao passamento de Lobo, era maior a publicação de suas obras, especialmente poemas isolados e crônicas. E, com o tempo, tal divulgação se foi tornando esparsa e escassa.

Entre os(as) bibliotecários(as) entrevistados(as), chegou-se a verificar um elevado grau de desconhecimento do autor e de sua obra. Se estivéssemos efetuando uma pesquisa em uma cidade distante, de outro Estado, com um profissional de biblioteconomia sem qualquer vinculação com a cidade natal de Lobo, até seria compreensível e justificável seu desconhecimento. Todavia, sendo Lobo um escritor de Pelotas e com o qual a cidade, como se comentará a seguir, possui larga identificação, não parece ser razoável o fato de um profissional que trabalhe numa biblioteca pelotense declare ignorar o autor. Ora, se o ignora, não o pode recomendar nem mesmo oferecer subsídios que conduzam a sua leitura e conhecimento. Tais situações-limite, no conjunto das entrevistas, são, porém, exceções.

Se é verdade que exceções existem para confirmarem regras, a regra que se depreende da análise do conjunto das entrevistas é que a maioria, diríamos até a grande maioria, tem algum tipo de conhecimento ou já teve envolvimento com a obra de Lobo e, mesmo naqueles para quem as referências do autor são tênues, observa-se a existência de uma imagem positiva sobre o escritor e o desejo de conhecê-lo melhor.

Pelotas possui importantes Universidades (Católica e Federal) e um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Nas bibliotecas das três instituições, encontram-se obras de Lobo da Costa, os professores das áreas de Língua Portuguesa e de Literatura têm razoável conhecimento sobre a obra do autor e, fato auspicioso, a UCPel e a UFPEL, através de seus cursos de Letras, em parceria com diversas instituições, desenvolvem um trabalho de resgate e pesquisa em torno da obra dos escritores pelotenses dos séculos passados, especialmente o XIX.

Nos sodalícios de Pelotas, a memória de Lobo da Costa é francamente cultuada, sendo ele Patrono da Cadeira de número 10 da Academia Sul-Brasileira de Letras, atualmente ocupada pelo acadêmico Irmão Elvo Clemente, que, ao ser empossado em 29 de junho de 2001, proferiu seu discurso, enaltecendo a figura do poeta e prosador, além de ler algumas estrofes lobianas.

Em outras agremiações pelotenses de cunho literário, também Lobo está presente, como na Casa do Poeta, cuja denominação é justamente o nome do vate; como na Associação Comunitária do Laranjal, que, em abril de 1999, sob a presidência de Abílio Pinheiro,

homenageando Lobo, fundou a Biblioteca Lobo da Costa e, nela, mantém vivos os versos do poeta, expondo-os em quadros em suas paredes.

A maior parte das livrarias e sebos de Pelotas possuem à venda alguma obra de ou sobre Lobo da Costa; em algumas, verifica-se a existência de até meia dezena de títulos, o que é significativo, por ser produção do século XIX e porque as tiragens eram pequenas; há, ainda, que se considerar que ponderável parte da obra deva estar já extraviada ou até destruída.

É interessante observar que a vida e obra do escritor continuam sendo fonte de inspiração para novas produções no campo da literatura e das artes cênicas. Assim, em 1986 – dois anos antes do centenário da morte de Lobo – estreou em Pelotas a peça teatral *Em nome de Francisco*, inspirada integralmente em sua vida, de autoria do dramaturgo e professor de teatro, Válter Sobreiro Júnior. A edição do texto da peça está esgotada e a montagem teatral foi, durante sua temporada em Pelotas, assistida por mais de cinco mil pessoas, sem contar o público das outras cidades deste Estado, do Paraná (Ponta Grossa), da Paraíba (Campina Grande) e até do Uruguai, onde a peça foi levada. *Em nome de Francisco* foi sucesso de crítica e venceu o 1^a Festival Gaúcho de Teatro, tendo o texto recebido como parte do prêmio sua publicação no ano seguinte, 1987, pela Editora Tchê!, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Em 1998, Lobo inspirou a escritura e lançamento de um romance de duzentos e trinta e quatro páginas de autoria do escritor pelotense Manoel Soares Magalhães, intitulado *O abismo na gaveta*, em que são entrelaçadas passagens reais de sua vida com aspectos ficcionais engendrados por Magalhães. A primeira edição do livro encontra-se praticamente esgotada e, conforme o depoimento de seu autor, tem sido para ele gratificante o retorno que lhe é passado pela comunidade de Pelotas por ter escolhido a vida de Lobo como inspiração para produzir *O abismo na gaveta*. Um detalhe: tal obra foi editada por uma empresa de Pelotas, a Livraria Café.

Adão Monquelat, livreiro e pesquisador de Pelotas, em co-autoria com Geraldo Fonseca, no cenário do centenário da morte de Lobo, lançou a *Antologia poética e alguma prosa de Lobo da Costa*, onde reuniu diversos poemas e crônicas esparsas do autor. Monquelat acredita que tal publicação ainda não está completa e continua reunindo material e efetuando pesquisas, uma vez que gosta de se manter em contato com a obra de Lobo, especialmente no que tange ao cenário poético.

A partir de 2003, o romance *Espinhos d'alma* e a peça teatral *O filho das ondas*, ambos de Lobo da Costa, vêm inspirando o Grupo

de Teatro de Letras da UCPel, que encena semestralmente tais obras em Pelotas, Santa Vitória do Palmar, Pinheiro Machado e Arroio Grande.

É importante, também, registrar que Lobo da Costa continua tendo sua obra compilada e estudada desde 1888 até a atualidade.

Em 1888, Francisco de Paula Pires reuniu e publicou, num volume intitulado *Auras do Sul*, parte da obra do vate pelotense, com o objetivo de construir um monumento funerário para o poeta, tendo conseguido realizar seu intento.

Em 1953, Irmão Elvo Clemente publicou a primeira e importante biobibliografia do poeta, intitulada *Aspectos da Vida e Obra de Francisco Lobo da Costa*, que são o fruto de pesquisas realizadas em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre para mostrar a riqueza de uma pobre vida dedicada inteiramente à Arte e que deixou uma obra inesquecível dentro da literatura romântica do fim do século dezenove.

Em 1954, Morivalde Calvet Fagundes, ligado à família de Lobo da Costa, publicou um ensaio, *Lobo da Costa, Ascensão e Declínio de um Poeta*, no qual identifica no poeta e prosador quase duas dezenas de facetas de sua produção literária: lírico, épico, social, abolicionista, democrata, satírico, nacionalista, regionalista, pelotense, descritivo da natureza, bucólico, indianista, folclorista, religioso, maçom, sonetista, prosador e epistolar.

Em 1988, centenário do falecimento de Francisco Lobo da Costa, Alice Therezinha Campos Moreira concluiu seu estudo sobre a fixação de obra poética do grande vate pelotense para sua tese de doutoramento e, publicando, em 1991, o volume *Obra Poética, Lobo da Costa*, uma fixação do texto poético lobiano em edição crítica, resgatou um universo de 238 poemas, restabelecendo nesses o estado original ou o mais próximo possível.

Em 2003, sesquicentenário de nascimento de Lobo da Costa, Ângela Treptow Sapper finalizou sua tese de doutoramento sobre a dramaturgia e ficção em Lobo da Costa: edição crítica de textos, publicando, no mesmo ano, com Jandir Zanotelli, *Lobo da Costa, obra completa*, a reunião de toda a obra lobiana, tanto em prosa, quanto em poesia.

Em 2005, o vate pelotense fez parte do projeto *Quatro por Quatro*, ou seja, quatro escritores, Luís Borges, Ângela Treptow Sapper, Gilnei O. Correa, e Álvaro Barcellos, apresentam e analisam, respectivamente, quatro ícones literários: João Simões Lopes Neto, Francisco Lobo da Costa, Vítor Ramil e Aldyr Schlee. Esse projeto de estudo foi publicado em livro no mesmo ano.

As contribuições de Lobo na prosa ficcional e dramaturgia, juntamente com sua obra poética, tornam-no um vulto importante e inesquecível do Romantismo Gaúcho. Sua obra possui qualidades que a tornam importante no plano nacional e a revestem de características de permanência e universalidade.

E retornando à pesquisa, no conjunto das entrevistas, também se pode considerar como relevante o fato de que várias pessoas ouvidas declararam conhecer e até já haver lido toda ou quase toda obra de Lobo. Isso chega a ser surpreendente, se considerarmos que mesmo com relação aos maiores escritores nacionais, é incomum encontrar-se pessoas que declarem haver lido toda a sua produção literária. Quantos brasileiros de hoje leram, por exemplo, todos os romances de Machado de Assis?

Na pesquisa realizada, pôde-se identificar a existência de duas concepções para o mesmo Lobo da Costa. Uma delas – certamente a que mais nos interessa – , a do literato que compôs em verso e prosa obras importantes no contexto do Romantismo pelotense e gaúcho da segunda metade do século XIX. Essa faceta do escritor é reforçada, também, pelo enquadramento de Lobo como escritor regionalista, folclorista, abolicionista, indianista e outros tantos traços que sempre o identificaram como um literato amante das causas da liberdade e da justiça social – temas, aliás, mais atuais do que nunca.

De outra parte, há um segundo Lobo da Costa, que é o ente histórico, a referência do passado trazida para as marcas do presente e que se pode encontrar de maneira muito evidente por toda a cidade. Aqui, poder-se-ia lembrar não só o fato de ser patrono de uma cadeira da Academia Sul-Brasileira de Letras ou de emprestar seu nome à Casa do Poeta Lobo da Costa, à biblioteca da Associação Comunitária do Laranjal, mas aludir a outras circunstâncias e fatos que o fazem permanecer muito vivo na memória diuturna da cidade. Lobo da Costa é nome de uma importante rua de cerca de vinte quarteirões, em pleno centro urbano; é nome de uma praça, a uma quadra do local onde tombou morto; é mentor espiritual do Centro Espírita Francisco Lobo da Costa, fundado em 27 de abril de 1949; de suas obras são feitas semestralmente leituras, releituras e encenações teatrais pelo Grupo de Teatro de Letras da UCPel; seu túmulo, no cemitério São Francisco de Paula, em forma de livro, é sempre visitado durante o Dia de Finados e, ao longo do ano, raro é o dia em que, na lápide, não estão depositadas flores novas; é o homenageado de uma comunidade digital, que leva o seu nome no Orkut, fundada por pelotenses. Placas de pedra e bronze há por toda cidade – como a existente junto à entrada

principal da Biblioteca Pública Pelotense – e reproduzem trechos de sua obra e imortalizam sua memória.

Em verdade, esses dois Lobos – o escritor e o ente histórico – não são contraditórios; antes, eles se complementam. Um não existiria sem o outro, pelo menos não nas circunstâncias em que se pesquisou em Pelotas. E, nestes tempos de informação virtual e eletrônica e de atenção cada vez menor dada à leitura e aos livros, a força do Lobo histórico certamente auxilia – e muito – na sobrevivência literária do Lobo poeta, romancista, contista, cronista e dramaturgo. Para Pelotas, os dois são um ente só.

Por outro lado, nas entrevistas, diante da questão que visava saber se as pessoas liam por prazer, a grande maioria afirmou que sim, associando, então, à apropriação do conteúdo cultural de um livro com um certo tipo de compensação ou satisfação genericamente assumido como prazer. Vários declararam que liam ou leram Lobo da Costa, porque se tratava de um autor que não era difícil de ser compreendido. Parece que em Lobo – e em seus leitores – podem estar presentes os conteúdos daquilo que Gerard Mauger e Claude Poliak (1999, p. 393-424) denominaram de leitura evasiva ou estética, ou seja, os leitores do poeta pelotense encontram suas obras bem escritas e fáceis de ler e, por outro lado, valorizam o prazer da forma, o prazer do texto que enseja uma distância mais reflexiva.

Por fim, verifica-se que Lobo da Costa é assumido como um escritor de Pelotas. Seu grau de conhecimento e reconhecimento é superior à média de todos escritores gaúchos do século XIX; sem dúvida, sua figura ombreia com a de João Simões Lopes Neto, que, na verdade, é já um literato do século XX, de âmbito regionalista e que tem uma visibilidade fora de Pelotas inegavelmente maior que a de Lobo.

São consistentes os traços da sobrevivência literária de Lobo, não só pela leitura ou releitura de seus textos, mas também porque ele continua a ser fonte inspiradora para pesquisas acadêmicas, para a produção de novas obras (romance, conto, teatro, etc.), além de servir como patrono de eventos artístico-culturais que, a cada ano, se renovam, sob forma de tertúlias, saraus, festivais, círculos poéticos e outras atividades que levam o seu nome ou onde ele é homenageado.

Referências

- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001. 270 p.
- CLEMENTE, Elvo. *Aspectos da vida e obra de Lobo da Costa*. Porto Alegre: Selbach, 1953. 233 p.

- FAGUNDES, Morivalde Calvet. *Lobo da Costa, ascensão e declínio de um poeta (ensaio)*. Porto Alegre: Sulina, 1954. 216 p.
- MAUGER, Gerard; POLIAK, Claude. *Histories de lectures*. Paris: Nathan, 1999, p. 393-424.
- MONQUELAT, Adão; FONSECA, Geraldo R. *Antologia poética (e alguma prosa de e sobre) Lobo da Costa*. Edição do autor, 1988.
- MOREIRA, Alice Campos. *Lobo da Costa: fixação do texto poético*. 1988. 697f. Tese (Doutorado) – Porto Alegre. Não publicada.
- SAPPER, Ângela Treptow; ZANOTELLI, Jandir. *Lobo da Costa, obra completa*. Pelotas: EDUCAT, 2003.
- SAPPER, Ângela Treptow et al. *Quatro por quatro*. Pelotas: Editora Universitária, 2005.
- SOBREIRO JÚNIOR, Válter. *Em nome de Francisco (Evocação do poeta Lobo da Costa)*. Porto Alegre: Tchê!, 1987. 184 p.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 13.
- _____. *Roteiro de uma literatura singular*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998. 86 p.